

tava na physionomia do doente foram symptomas, que não deixaram a menor duvida em meu espirito a respeito do diagnostico.

Antes de ensaiar qualquer tratamento, entendi que o meu primeiro cuidado devia ser debellar a febre de accesso, que, a continuar, tornava-se uma complicação grave.

Fiz o doente tomar por dia, em uma só dose, meia-oitava de sulphato de quinina. Em poucos dias os accessos desapareceram.

Comecei então a dar todos os dias nos membros inferiores choques electricos, e receitei para uso interno o licor arsenical de Fowler na dose de 1 oitava para uma libra d'agua distillada, e tambem o vinho de genciana, tomando o doente o primeiro medicamento depois das comidas e o 2.º pela manhã e á noite. Ambos os medicamentos eram dados as colheres de sopa.

Com este tratamento, que durou talvez uns 20 dias, o que consegui foi que o appetite, que até então era nullo, fosse apparecendo.

Já era alguma cousa para um doente que se achava em estado grande de abatimento.

Os choques electricos nenhuma melhora produziram na paraplegia. Vem a proposito observar que nos casos que tenho tido do beriberi não tenho tirado os resultados que esperava da electricidade.

Os effeitos beneficos que eu estava colhendo, na mesma epocha mais ou menos, do emprego do nitrato de prata em um outro doente, cuja historia já foi publicada, fizeram-me não hesitar um momento no emprego d'esse sal.

Principiei pela dose diaria de um 5º de grão, augmentando de 4 em 4 dias até o doente tomar 2 grãos por dia. No outro doente tratado pelo sal de prata nunca elevei a dose além de um grão por dia.

As melhoras do doente não foram rapidas, mas o que é um facto é que tiveram logar.

Insisti por mais de um mez com o tratamento, e todos os symptomas foram desaparecendo, e o doente conseguiu andar de mulêtas. As melhoras foram progredindo. Cessei o uso do nitrato de prata, e prescrevi o vinho quinado e os de genciana e quassia, que eram tomados alternadamente.

Em fins de Janeiro o senhor do doente resolveu fazel-o seguir para o engenho. Perguntando-me o que devia elle usar, prescrevi-lhe apenas os banhos de raiz de *marapuama*, arbusto da familia das rutaceas.

Em principios de Abril veiu a cidade Thomaz. Tive occasião de vel-o. Estava gordo.

Notei apenas que a marcha não era ainda muito desembaraçada.

O senhor de Thomaz quiz attribuir a cura radical do doente ao um dos banhos de *marapuama*, planta que nesta provincia passa como uma cousa maravilhosa na anaphrodisia, e que tambem é tida como um excellente remedio para a fraqueza dos membros.

Pela minha parte attribui o restabelecimento do doente ao nitrato de prata, considerando os banhos do que elle usou como cousa muito secundaria, e que foram por mim prescriptos á vista da fama de que gozam.

Consultando o meu collega Dr. Silva Castro, eis o que me disse elle, entre outras coisas, a respeito da *marapuama*. «Contra a frouxidão dos nervos, a fraqueza dos membros, e anaphrodisia as vantagens são nenhuma».

Do que fica exposto vê-se que a presente observação é bem analoga a de que já dei noticia em outro numero desta gazeta.

Em ambos os casos a molestia appareceu tendo os enfermos soffrido primeiro de febres intermittentes.

Em ambos o medicamento principal foi o nitrato de prata.

No primeiro caso a cura foi mais rapida, e no segundo, e desta observação, mais demorada.

No doente da primeira observação não empreguei os banhos nem a electricidade.

As observações clinicas a respeito do emprego do nitrato de prata no beriberi ainda não são numerosas, mas os resultado obtidos nos casos de que tenho feito menção, e em alguns da clinica do distincto pratico desta provincia—Dr. Ferreira Lemos, devem animar os collegas de outras provincias a servirem-se do medicamento na forma paralytica da molestia.

A pedido do medico da cadeia desta capital o meu illustre collega Dr. Andres Capper visitei um preso affectado da forma paralytica do beriberi, e opinei pelo emprego do nitrato de prata. O meu collega acceitou o meu parecer, e conversando ha poucos dias com elle, disse-me que tem tirado vantagem do nitrato de prata no seu doente e que tem melhorado.

Belém do Pará 14 de Junho de 1872.

ESTUDO SOBRE A VERRUGA, MOLESTIA ENDEMICA NOS VALLES DOS ANDES DO PERÚ.

Por P. V. Dounon.

(Continuação)

O leito d'estes valles offerece ordinariamente a disposição de um plano inclinado; é sulcado

de torrentes que, no momento da liquefacção das neves, adquirem proporções espantosas, entretanto que desapparecem durante muitos mezes debaixo de enormes montões de neve.

Sobre as margens d'estes regatos a agua deposita uma camada de terreno argiloso, disposta em ordens pela mão do homem—de tal sorte que a torrente deslisa por canaes apropriados; ahí ostenta-se uma vegetação robusta de arvores dos climas tropicaes, goiabeiras, bananeiras, laranjeiras, limoeiros, diversas terebinthaceas, algodoeiros, etc.

Esta vegetação é devida á alta temperatura, que reina n'estes valles em consequencia da situação que occupam.

A sua configuração os torna ainda inacessíveis ás correntezas de ar; além d'isso, são aquecidos não só pelos raios directos do sol, como pelo calorico que se irradia das montanhas circumvisinhas. Graças a estas condições, se tem podido observar, no meio do dia, maximos de temperatura de 35.º e mesmo de 40.º centigrados; todavia, em certas épocas do anno, a atmospheria d'estes valles é refrigerada por correntes violentas que descem da Serra.

As noites são muito frescas, e nota-se ás vezes uma differença de 15.º entre o maximo do dia e o minimo da noite.

O orvalho é sempre copioso, em consequencia da energia da irradiação nocturna.

Ao contrario do que se passa em toda a costa do Perú, onde nunca chove, observa-se na zona de que fallamos, uma estação chuvosa (de agosto a novembro,) precedida e seguida de estações intermedias, durante as quaes sopram algumas vezes estes ventos rijos, de que já fiz menção. É verdade que não é muito consideravel a quantidade de agua que cae; porém, como esta zona corresponde á zona alpestre dos altos picos, succede ás vezes que fica ella involta por muitos dias em nevoeiros. A estação secca vai de janeiro a junho.

N'estes valles rebentam fios de agua, dos quaes alguns a que o povo chama—*fontes de verruga*, merecem menção especial, porque a elles se lhes attribue o desenvolvimento de semelhante molestia. As linhas que se seguem são meramente destinadas ao seu estudo.

Estas vertentes nascem das montanhas, — mesmo da rocha, e apresentam uma limpidez proverbial, limpidez que deixa contar os grãos de granito que lhe constituem o leito.

Ás vezes, depois de um trajecto mais ou menos longo, ellas formam pequenas lagôas, onde prosperam algumas plantas aquaticas, alguns

batracios; d'ahi continuão a sua carreira sem nada perderem de sua transparencia, para irem embeber na grande torrente que retalha o leito do valle. Outras vezes se infiltrão no sólo, tornam-se subterraneas e depois saem á superficie.

Foram estas aguas por nós analysadas em Lima, dous dias depois de as haver recolhido, no laboratorio de M. Esselens, chimico do governo peruano, que de bôa mente prestou se a guiar-nos n'este trabalho, que nos é pouco familiar.

Procedemos á analyse qualitativa, em consequencia da pouca importancia dos elementos revelados, e de suas mui pequenas proporções.

Em 30 litros de agua encontrou-se o seguinte:

Chlorureto de sodio.  
Bicarbonato de cal.  
Bicarbonato de sóda.  
Sulphato de cal.  
Sulphato de magnesia.  
Silica.  
Vestigios de ferro.

Esta agua, posto que recolhida em um ponto muito distante da origem da fonte, depois de ter atravessado uma pequena lagôa coberta de vegetação, ainda se achava muito limpida; não desprendia nenhum cheiro; seu sabor nada tinha de desagradavel.

Dissolvia perfeitamente o sabão; evaporada em uma capsula de porcellana, não deixava senão um fraco residuo, que não ennegrecia pela calcinação.

O pão-campeche, o chlorureto de oiro não apresentavam nenhuma mudança que nos podesse indicar a presença de substancias animaes.

Mesmo na fonte não se notava despreendimento de gazes, nem deposito de especie alguma; a agua era limpida e muito fresca.

A analyse da agua de uma outra fonte do valle de Cocachara forneceu os mesmos resultados; sua composição é exactamente a mesma da que se bebe em Lima. Já se o podia prever, porquanto ellas vem da Serra por um canal que as conduz até áquella cidade.

Os habitantes da encosta septentrional dos Andes são da raça ando-perúana; porém, acima de 2,500 metros de altura, acham-se indios de sangue puro, chamados Quichuas,—e abaixo não ha senão uma mistura da raça indiana com a hespanhola, que invadio o paiz depois do seculo XV.

Perto do littoral, acha-se ainda um grande

numero de negros, chins e brancos, attrahidos pelas riquezas colossaes do paiz.

No tempo da conquista do Perú, a parte insalubre d'esta encosta dos Andes, não era habitada. E de feito ahi não se veem as ruinas das antigas aldeias indigenas, que a cada passo se encontravam.

Ainda hoje esta zona tem poucos habitantes, e estes mesmos teem um aspecto miseravel.

Elles se alimentam de fructos assucarados, carne salgada, que fazem coser com arroz, ou legumes, de ovos, que trocam com os Quichuas, os quaes descem da Serra com rebanhos de lhamas, para vender seus productos na capital.

Bebem da agua das fontes, que é turvada por particulas terreas em estado de suspenção, e guardada por elles em grandes vasos de barro, onde depõe uma parte de suas impurezas.

Usam de bebidas alcoholicas. Suas cabanas são de argila; sua cama é feita d'esta mesma substancia que elles amassam, e com a qual fazem o travesseiro. Os leitos europeos são apenas conhecidos de alguns habitantes abastados.

*Etiologia.*—Não ha nada mais vago do que a etiologia da verruga. A unica proposição que se póde avançar, é que para ser-se accommettido d'esta molestia, é preciso ter permanecido algum tempo na zona dos Andes, cujos limites já foram por nós bem marcados na geographia medica d'este estudo. Este sentirá a sua influencia perniciosa somente por haver atravessado a zona mencionada; aquelle que n'ella reside, não soffrerá senão depois de longos annos. Entre estes dous extremos ha intermedios.

Attribue-se geralmente ás aguas das fontes de verruga a producção d'esta molestia: é uma crença muito enraizada em certos valles. Os habitantes advertem aos viajantes de que sua limpidez d'ellas é tentadora; e quando alguém cae victima d'esta affecção, attribuem logo o seu desenvolvimento ao uso d'estas malditas aguas. Muitos medicos teem admittido este ponto de etiologia. M. Tschudi declara em sua memoria que basta beber um copo d'estas aguas para ser-se affectado da verruga, ficando immune todo aquelle que d'ellas não fizer uso. Accrescenta o mesmo auctor que este facto é por demais frequente em Santa Ulaya, e as tropas que para ahi vão destacadas são todas—victimas d'esta molestia, emquanto escapam á sua funesta influencia as que vão para Santa Mama, a um quarto de legua de distancia.

Por mais alta que seja a authoridade de um

observador da ordem de Tschudi, não podemos deixar de combatter a sua opinião a este respeito.

Passamos tres dias em Santa Ulaya; bebemos da agua da fonte d'esta aldeia. E ainda mais: sendo obrigados pela exiguidade de nossa alimentação a aceitar a hospitalidade que nos offereceram os doentes que observavamos, bebemos da mesma agua que elles e partilhamos de seus alimentos. A perfeita saude que sempre gosamos nos induz a affirmar que não basta beber da agua—chamada de verruga, nem tão pouco permanecer em Santa Ulaya, para contrahir esta molestia.

Outro tanto podemos dizer a respeito do guia, e dos cavalleiros que nos acompanhavam, aos quaes tivemos o prazer de ver tres mezes depois, em perfeita saude.

Além d'isto, na mesma aldeia, interrogando os habitantes que tiveram a verruga, e especialmente aquelles que então soffriam, disserão-nos que nunca tinham bebido da agua da fonte—situada á margem opposta áquella em que fica a aldeia. Está pois destruida a segunda proposição de M. Tschudi, o qual assegura uma immuniidade absoluta aos que não beberem da agua das fontes de verruga.

Cremos que estas conclusões podem-se applicar não somente ao valle de Santa Ulaya, mas tambem a todos os outros. Interrogamos os doentes que encontramos nos hospitaes de Lima, e a maior parte d'elles nos asseveraram não terem bebido agua de nenhuma fonte suspeita. Em Chaclacai vimos tres mulheres que somente bebiam agua de um canal derivado do regato que passava perto de sua casa.

Facil seria multiplicar estes exemplos, mas nos limitamos a citar a experiencia feita por um religioso da Bolivia, que nos foi contada por pessoas fidedignas e nos parece resolver completamente a questão. Este religioso ficou trinta dias na aldeia de Matucana, onde é endemica a verruga, não se utilizando de cousa nenhuma procedente da localidade, mandando vir seus alimentos e bebidas da cidade de Lima. No fim dos trinta dias, deixava elle a aldeia—coberto de uma verruga muito confluenta.

Ribeiro da Cunha.

(Continúa.)